

A jangada de pedra

Desde tempos imemoriais que o território a que hoje chamamos região de Lisboa tem sido um sítio privilegiado para assentamentos e atividades humanas. Um conjunto quase único de características tectónicas e naturais realça uma relação equilibrada entre colinas e vales, proporcionado um território diversificado de lugares correlacionados entre si e preponderantemente orientados para o belo e inconfundível estuário do rio Tejo.

Este território tem sido objecto de uma persistente passagem, permanência e sucessão de culturas da qual emerge, implícita e explícita, uma memória física densamente estratificada ao longo do tempo. Dos edifícios aos artefactos e da paisagem à cultura, as raízes destas origens longínquas estão presentes por toda a cidade, criando um sentido coerente e profundo que emerge naturalmente na estrutura urbana, hoje algo densa, diversa e intrincada.

A investigação a desenvolver pressupõe “uma reflexão crítica e propositiva sobre os desafios contemporâneos da habitação e do espaço público na construção de uma sociedade intercultural e de promoção da cidadania global”, suportada em programas [sobretudo] de habitação. Partilha enquanto objectivo estratégico a reflexão que respondam aos desafios da contemporaneidade no âmbito dos pressupostos expressos na plataforma académica “Mais do Que Casas”.

Pretende-se despoletar uma meditação e especulação propositiva sobre a possibilidade da construção de um último aterro em Lisboa. Onde acaba o rio e começa o mar. Entendida não como plataforma para a indústria ou mercado mas enquanto suporte de devolução do rio à cidade.

Os projectos propostos para esta [re]leitura do extremo ocidental do território da Grande Lisboa, na transição entre o estuário e o oceano, serão desenvolvidos enquanto respostas críticas e operativas que têm como objecto o repensar toda a frente marítima entre Algés e a Cruz Quebrada [a chamada “recta do Dafundo”].